INDIOS

Sinais de crise

Previa-se uma semana movimentada na Fundação Nacional do Índio, Funai, em Brasília. Mas não tanto. Finalmente, seriam feitos os primeiros contatos com os Krahauorone, os “índios gigantes”, marcados na quarta-feira por um sinal de que eles não querem estranhos em suas terras. Um operário que trabalha na construção da estrada Cuiabá-Santarém foi atingido por duas flechas na perna. Em meio a estes acontecimentos, porém, surgiu outro: a demissão do secretário-geral Antônio Cotrim Sotres, 32 anos, um dos maiores espíritos da Fundação. Suas rações apareceriam como denúncias severas.

Sobre elas, e não sobre os gigantes, é que se fizeram perguntas ao presidente da Funai, general Bandeira de Melo, em sua visita a Brasília: “Não pode ler jornais porque estava em viagem de inspeção às delegacias da Funai no Amazonas. Só agora puderam me informar do assunto”, respondeu o general. Sobre elas, Antônio Cotrim respondeu a Luís Gutemberg, de VEJA.

VEJA — Por que a decisão de demitir-se, em vez de outras saídas que não o afastassem da Funai?

COTRIM — Porque todas as formas possíveis de diálogo com a Funai foram tentadas e fracassaram. Agora, começam a fracassar também os nossos diálogos com os próprios índios, uma vez que já não vimos cumpridos os acordos feitos com eles em nome da Funai e segundo os leis brasileiras. Os seus territórios eram violados constantemente, apesar de o artigo 198 da Constituição Federal lhes assegurar a posse.

VEJA — Esse problema não seria conseqüência da política de... uma das fronteiras econômicas do país?

COTRIM — Justamente aí é que se verifica o fracasso da política da Funai. Na tentativa de conciliar interesses, sempre vimos que a sociedade dominante. A Funai poderia aproveitar a potencialidade desses recursos em benefício das comunidades indígenas, fazendo o índio participar do desenvolvimento nacional.

VEJA — De que forma se daria essa participação?


COTRIM — Os Namibiuanus, no vale do Guaporé, Mato Grosso, foram transferidos de suas aldeias, pressionados por interesses de empresas agropecuárias, para a “Reserva Namibiuanus”, nas proximidades da estrada Acre-Brasil. Chegando ao local reservado, foram logo vitimados por uma epidemia de malária e gripe, dadas as condições inamostráveis da área. Ao sentirem que não tinham condições de sobrevivência, inteiramente abandonados, procuraram retornar às antigas aldeias, morrendo quase 30% da tribo nesse regresso. Foi uma caminhada trágica, com os índios caindo pelo caminho. Se houve sobreviventes, deve-se ao apoio dado pelo Parasar, da FAB, à equipe médica da Funai. Equipes de Projeto Rondon também participaram do socorro.

VEJA — Que “métodos racionais e pessoal especializado” evitariam essas tragédias?


VEJA — Até que ponto é verdade que se verificam casos de transmissão de doenças venéreas aos índios recém-contatados?

VEJA
COTRIM — Essa ocorrência foi constatada por um médico da Funai entre índias Paranaãs, localizadas próximo à Transamazônica. Isso se explica porque entre determinados grupos tupis, de que fazem parte os Paranaãs, há uma etiqueta de acolhida ao estrangeiro que prevê a entrega das mulheres para relações sexuais. No entanto, a equipe da Funai estivesse bem orientada, integrada nos princípios da filosofia indigenista brasileira — que herdamos de Rondon —, não teria havido a contaminação.

VEJA — Essas relações sexuais, sob condições sanitárias normais, apresentariam algum inconveniente?

COTRIM — Não se sabe se os Paranaãs entregam suas mulheres como uma simples homenagem ao visitante ou com a intenção de miscigenação. No entanto,

a aceitação dessa oferta cria entre as índias necessidades sexuais que elas não conhecem, iniciando-as na prostituição. Os índios compreendem o sexo como ato fisiológico destinado à procriação e não o usam como fonte de prazer para. Não praticam jogos sexuais. Depois da experiência com o homem branco, a índia não se satisfaça mais com as relações com seu marido.

VEJA — Esses fatos que você apresenta, agora, são conhecidos pelas autoridades da Funai?

COTRIM — Alguns constam de relatórios meus. Mas todas as ocorrências citadas são de conhecimento notório da cúpula da Funai.

VEJA — Demitindo-se da Funai e fazendo todas essas denúncias, que objetivos está perseguindo?

31/5/72